

Os remédios de animais domésticos citados pelos entrevistados (ex. galinha, carneiro e boi) apareceram com maior frequência armazenada em recipientes de vidro (Figura- 15- A, B, C, D). Seixas e Begossi (2001) observam que o hábito de guardar as partes úteis de animais com fins medicinais durante longos períodos é comum também entre os ‘caiçaras’ da Mata Atlântica. Segundo as autoras, entre as partes animais mais comumente empregadas pelos ‘caiçaras’ está a gordura do “lagarto” e da “galinha doméstica”, facilmente extraída e conservada em temperatura ambiente, utilizada para diversos propósitos terapêuticos.



Figura 15- Entrevistados exibindo os produtos derivados de animais, armazenados em diversos tipos de recipientes utilizados para fins medicinais no Município de Alagoa Nova- PB.

Dos 42 animais citados no presente trabalho para fins medicinais, 12 são também utilizados para propósitos alimentares: *Leptodactylus pentadactylus* (gria), *Atta cephalotes* (tanajura), *Melipona scutellaris* (abelha uruçú), (*Apis mellifera* (abelha italiana), (*Gadus sp.* (bacalhau), (*Melagris gallopavo* (peru),(*Tupinambis merinae* (tejuacú), *Pavo crissalis* (pavão), *Gallus domesticus* (galinha), *Sus scrofa* (Porco), *Euphractus sexcinctus* (tatu peba), *Capra hircus* (cabra), *Bos taurus* (boi), *Ovis áries* (carneiro). Situação similar foi registrada por Ferreira et al. (2009), que citam o uso de 10 espécies de animais zooterápicos como alimento no estado do Ceará e Alves (2009), que inventariou a sobreposição de uso medicinal e nutricional de 175 espécies de animais no Nordeste do Brasil. Este fato evidencia a importância da diversidade biológica como fonte de produtos medicinais e nutricionais, reforçando a necessidade do investimento em políticas públicas voltadas para o uso racional e sustentável da biodiversidade. A pressão exercida sobre os recursos decorrentes dos seus variados usos e a facilidade de acesso aos mesmos aumenta o risco de que a exploração possa ocorrer em níveis predatórios, contribuindo para o declínio de suas populações (ALVES & ROSA,2006).

Todos os entrevistados afirmaram que o uso dos produtos animais medicinais era antigo e que aprenderam com pais, avós vizinhos, sempre com alguém mais velho. Ressaltaram também que estes conhecimentos foram deixados pelos Africanos que habitavam a região e pelos Índios locais que eram conhecidos como Índios Cariris da Tribo dos Bultríns. Atualmente, existe um sítio no Município com o nome “Aldeia Velha”, referente ao local onde os últimos nativos moraram.

O uso da fauna local e facilmente acessível está relacionado a aspectos históricos (ou seja, o conhecimento medicinal focado em espécies locais, refletindo a transmissão do conhecimento através de diferentes gerações) e às restrições financeiras que limitam o acesso a recursos alóctones (ALVES & ROSA, 2006). Uma tendência similar foi registrada por Adeola (1992), observou que uso de animais para medicina preventiva e curativa estava relacionado à zona ecológica nas quais os usuários vivem, bem como, a relativa abundância das espécies.

Tabela 01- Espécies animais de uso medicinal citados pelos entrevistados no Município de Alagoa Nova – PB. Legenda: 1=chá; 2=ungüento a ser massageado na área afetada; 3=pó colocado sobre a área afetada; 4=ingerido e/ou misturado a comida; 5=ingestão da parte cozida; 6=gargarejos com animal cozido ou parte dele; 7=Tomar misturado ao café ou chá; 8=introduzir no ouvido; 9=Emplastro associado a folhas de planta; 10=Inalação do pó; 11=Infusão na bebida alcoólica e tomada como bebida; 12=Pêlo colocado sobre a área afetada; 13=Passar o animal na região afetada; 14=Deixar um pouco da refeição diária para o animal; 15=Ingestão da parte crua; 16=colocar a parte sobre a região; 17=Garrafada; 18=Lambedor.

Família/ Espécie/ Nome popular	Número de citações	Valor de uso	Parte usada e modo de uso	Doença tratada
MAMIFEROS				
Didelphidae				
<i>Didelphis albiventris</i> Lund, 1840- timbu	22	0,93	Banha (2)	Reumatismo
Canidae				
<i>Cerdocyon thous</i> Linnaeus, 1766 - raposa	78	0,74	Banha (2) e Fígado (5)	Reumatismo
<i>Canis familiaris</i> Linnaeus, 1758- cachorro	15	0,95	Fezes (1)	Sarampo, problemas pós-parto e asma
Bovidae				
<i>Ovis aries</i> Linnaeus, 1758 - carneiro	190	0,37	Banha (2)	Reumatismo, artrite, torções, acne e furunculose
<i>Capra hircus</i> Linnaeus 1758 - cabra preta	10	0,97	Baba (6)	Rouquidão

Bos taurus Linnaeus,			Leite (2) ou (7) baba (4),urina(16) fezes(1) casco do pé (10), tutano (7) , sangue (5), fígado(5)	Mastite, furunculose, bronquite, sinusite gripe, alcoolismo, dor de dente, frieira, dor na garganta,sangramento nasal,trombose e anemia
Dasypodidae				
Euphractus sexcintus Linnaeus, 1758 - tatu peba	28	0,91	Cauda (8) banha (2)	Dor de ouvido, feridas
Suidae				
Sus scrofa Linnaeus, 1758 - porco	103	0,66	Banha (2) ou (9)	Ferimentos, furunculose, queimaduras e dores do corpo
Trichechidae				
Trichecus manatus Linnaeus, 1883 - peixe-boi	23	0,93	Banha (2)	Reumatismo, artrose, artrite, luxação e distensão
Trichecus inunguis Natter, 1883 - peixe-boi	23	0,93	Banha (2)	Reumatismo, artrose, artrite, luxação e distensão
Leporidae				
Sylvilagus brasiliensis Linnaeus, 1758 - coelho	18	0,94	Pêlo (12)	Queimaduras
Mephitidae				
Conepatus sp.- tacaca	27	0,91	Banha (7)	Asma
Equidae				
Equus asinus Linnaeus, 1758 – jumento	42	0,86	Leite (5)	Infecções intestinais e alergia das crianças a lactose do leite de vaca, asma
Felidae				
Felis catus Linnaeus, 1775 – Gato	6	0,98	Pêlo (1)	Asma

REPTEIS

Teiidae

Tupinambis merinae (Duméril & Bibron)
- 1839 – tejuçu 253 0,16 Banha (6) ou (2) Dor de garganta, asma, furunculose

Testudinidae

Chelonoidis carbonaria (Spix
1824) - jabuti do pé vermelho 11 0,97 Ovo (5) e Animal inteiro (13) Cansaço físico, asma

Gekkonidae

Hemidactylus mabouia (Moreau de
Jonnes, 1818)- lagartixa de parede 1 1 Animal inteiro (6) Dor de garganta

Tropiduridae

Tropidurus hispidus (Spix,
(1825) – lagartixa 38 0,88 Animal inteiro (6) ou (13) Dor de garganta, pano branco, alcoolismo, e verrugas

Chelidae

Phrynops sp. - cágado d'água 107 0,65 Banha (6) ou (2) e (7) Dor de garganta, estrepe, furunculose e asma

Viperidae

Caudisoma durissa (Linnaeus,
1758) – cascavel 16 0,95 Guizo (1) Asma

Iguanidae

Iguana iguana (Linnaeus,
1758) – camaleão 8 0,98 Osso (3) Estrepe

AVES

Phasianidae

<i>Gallus domesticus</i> Linnaeus, 1758 – galinha	206	0,31	Banha (2), (6), (7), (8) e pele da moela (1)	Furunculose, obstrução nasal, dor de garganta, asma, dor de ouvido, e congestão
Phasianidae				
<i>Pavo crissatus</i> Linnaeus, 1758 – pavão	21	0,93	Pena (1)	Asma
Rheidae				
<i>Rhea americana</i> Linnaeus, 1758- ema	19	0,94	Banha (2) ou (7)	Reumatismo, dores na coluna e asma
Catharidae				
<i>Coragyps atratus</i> Bechstein, 1793 – urubu	12	0,96	Fígado	Alcoolismo
Meleagrididae				
<i>Melagris gallopavo</i> Linnaeus 1758 – peru	8	0,98	Penas (1)	Asma
Psittacidae				
<i>Amazona aestiva</i> Linnaeus, 1758 – Papagaio	6	0,98	Fezes (8)	Dor de ouvido
Anatidae				
<i>Anas</i> sp.- pato	49	0,84	Ovo (15)	Fraqueza, cansaço

PEIXES

<i>Gadus sp.</i> - bacalhau	34	0,89	Óleo do fígado (7), cauda (1) e couro (16)	Fraqueza nos ossos, enxaqueca e estrepe
Gymnotidae				
<i>Electroporus sp.</i> - peixe elétrico	13	0,96	Banha (2)	Reumatismo, câimbra e dores musculares

INSETOS

Apidae

<i>Melipona scutellaris</i> Latreille, 1811- abelha uruçú	261	0,13	Mel (7) ou (17)	Gripe, cansaço físico, câncer, bronquite, e tosse, ameba
<i>Apis mellifera</i> Linnaeus, 1758- abelhas italianas	33	0,89	Mel (7)	Gripe, asma e ameba
<i>Tetragonisca angustula</i> Latreille, 1811) - abelha mosquito	79	0,74	Mel (8)	Dor de ouvido
Chrysomelidae				
<i>Pachymerus nucleorum</i> Fabricius, 1792- tapuru de coco	63	0,79	Larva inteira (2)	Verrugas
Formicidae				
<i>Atta cephalotes</i> Linnaeus, 1758- tanajura	93	0,69	Abdômen (15)	Dor de garganta
<i>Dinoponera quadriceps</i> Santschi, 1921- formigão, trinca-cunhão	41	0,87	Animal inteiro (1)	Asma
Isoptera - cupim	196	0,35	Animal inteiro (18)	Bronquite, asma, gripe
Vespidae				
Hymenoptera- vespa	54	0,82	Casa+larvas (16)	Caxumba (papeira)
Blattidae				
<i>Periplaneta americana</i> Linnaeus,				

1758 – barata	2	1,00	Animal inteiro (1)	Esquistossomose e Alcoolismo
ANELÍDEOS				
Lumbricidae				
Lumbricus sp. Linnaeus, 1758 – minhoca	17	0,95	Animal inteiro (11)	Alcoolismo
ANFÍBIOS				
Leptodactylus pentadactylus (Lau- renti, 1768) – Jia	92	0,7	Banha (2) carne (5)	Dor de garganta, asma
MOLUSCOS				
Helicidae				
Megalobulinus sp-. Caracol	36	0,88	Parte mole (13)	Verrugas, rachaduras nos pés

2 – Doenças e remédios zoterápicos

Em função dos sistemas médicos serem organizados como sistemas culturais, o uso das substâncias animais deve ser compreendido dentro de uma perspectiva cultural (COSTA NETO, 2004). De acordo com estimativas da Organização Mundial da saúde mais de 80% das necessidades com cuidados de saúde nos países em desenvolvimento são resolvidas através das práticas tradicionais (WHO, 2002). Isto porque o uso de animais e plantas na atenção primária à saúde corresponde uma necessidade para muitos que não dispõem de recursos para outras formas de tratamento (ALVES, 2006).

Diversos trabalhos científicos abordam o uso de plantas como matéria-prima para o preparo de medicamentos mágico-tradicionais como lambedores, garrafadas e chás (BRITO et al., 2009; CHAVES et al., 2008; DANTAS et al., 2008; GOMES et al., 2008; AGRA & DANTAS, 2007; DANTAS & GUIMARÃES, 2007). Entretanto as plantas não são os únicos recursos naturais úteis para o preparo de remédios por populações tradicionais no Nordeste brasileiro. De acordo com Alves (2009), no Nordeste do Brasil, especialmente na região semi-árida, animais e plantas são extensamente usadas na medicina tradicional e tem papel significativo em práticas curativas.

Várias doenças infecciosas podem ser transmitidas entre animais e de animais para humanos (ALVES & ROSA, 2005; KAHN, 2006) e esse fato deve ser seriamente considerado nos âmbitos das mais diversas formas de medicina tradicional (STILL, 2003). Diversos órgãos e tecidos incluindo ossos e bile pode ser fonte de infecção de *salmonella*, provocando diarreia e choque endotóxico (ALVES et al., 2009).

Foi catalogado um total de 49 diferentes enfermidades tratadas com animais medicinais. As doenças mais citadas tratadas com recursos zoterápicos são asma, reumatismo e dor de garganta. Estas informações corroboram com Alves (2006), que constatou 103 doenças diferentes tratadas com animais medicinais na região Norte e Nordeste do Brasil, sendo que as doenças mais comumente tratadas com os recursos zoterápicos foram: asma, dor de garganta e reumatismo.

De acordo com os resultados obtidos nessa pesquisa, os produtos zoterápicos utilizados no tratamento de doenças mostram um elevado número de (usuários da

“banha”, que pode ser extraída de um total de 14) espécies animais. Alves (2006) em sua pesquisa nas regiões Norte/Nordeste também mostra uma ampla utilização da “banha” para fins terapêuticos. As categorias das doenças mais tratadas com zoterápicos foram: sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo, (reumatismo, torções e luxações); e doenças do aparelho respiratório (asma, bronquite, dor de garganta e gripe) e Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externa (queimaduras, luxação, feridas, torcicolo, entorse) (Tabela 02).

As categorias de doenças com maior número de citações de uso foram: doenças do aparelho respiratório (732); doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (587), Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas (369) doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários (368), ver (Tabela 02).

A doença com maior número de citações foi à asma, (tabela 02), para qual são recomendados remédios provenientes de dezessete espécies de animais diferentes. Costa- Neto (1999), em pesquisa realizada no Estado da Bahia, constatou que animais são freqüentemente usados para tratar doenças respiratórias (asma e bronquite). Vale ressaltar que assim como neste estudo, diversos outros artigos científicos acerca do tema têm demonstrado que a asma, bem como as demais doenças do aparelho respiratório, constitui um dos grupos mais destacados de enfermidades tratadas tradicionalmente com zoterápicos na região Nordeste do Brasil (ALMEIDA & ALBUQUERQUE, 2002; ALVES, 2006; ALVES & ROSA, 2006 ALVES et al., 2007; ALVES et al., 2009; FERREIRA et al., 2009).

Tabela 02 – Categorias das doenças tratadas com recursos zoterápicos nas comunidades pesquisadas, segundo o CBDC- Centro Brasileiro de Classificação de Doenças (1993).

Categorias	Número de espécies	Número de citações	FCI	Doença
Doenças infecciosas e parasitárias	6	86	0,94	Sarampo, esquistossomose, verruga, caxumba
Doenças do aparelho respiratório	25	732	0,97	Asma, bronquite, tosse, gripe, dor de garganta, nariz entupido
Doenças do aparelho digestivo	4	52	0,94	Congestão, dor de dente
Causas externas de morbidade e de mortalidade Tabela 02 – Categorias das doenças tratadas com recursos zoterápicos nas comunidades	5	32	0,87	Alcoolismo, puxar estrepada, feridas, fraqueza nos ossos
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	6	587	0,99	Artrite, artrose, dor de coluna, reumatismo e dor no corpo, dores musculares
Lesões, envenenamento e algumas outras conseqüências de causas externas	6	354	0,99	Queimaduras, feridas. Luxação distensão, torcicolo, entorse
Neoplasias	2	63	0,96	Câncer (em geral)

Doenças do aparelho circulatório	1	20	1	Trombose
Doenças da pele e do tecido subcutâneo	11	238	0,96	Furúnculo, acne, pano branco
Doenças do sistema nervoso	1	39	1	Enxaqueca
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos e alguns transtornos imunitários	1	368	1	Anemia
Doenças do ouvido e da apófise mastóide	3	96	0,98	Dor de ouvido
Doenças das glândulas, endócrinas, metabolismo e nutrição	2	83	0,99	Alergia a lactose do leite de vaca
Gravidez, parto e puerpério	2	28	0,96	Mastite, placenta colada, e pós-parto
Doenças indefinidas	4	52	0,94	Câimbra, rachadura nos pés, rouquidão, cansaço físico

5.2.1 – *Modo de preparo dos recursos zoterápicos e formas de tratamento*

Vários modos foram citados pelos entrevistados na preparação e administração dos recursos zoterápicos. Partes duras de animais tais como ossos, couro, pele da moela, guizo da cobra, e casco do boi, geralmente são secas ao sol ou torradas ao fogo, piladas no pilão ou raladas, resultando em um pó, o qual é usado na preparação de chás, ingeridos na comida, ou através da inalação. Os méis são guardados em litros, garrafas ou pequenos frascos, e usados quando necessário tanto na alimentação como para fins medicinais, podendo ser tomado puro ou associado ao limão para problemas respiratórios e ao hortelã para ameba ou então nas garrafadas nos casos de câncer. As partes dos animais perecíveis (leite, ovos, carnes, secreções e vísceras), a serem ingeridas cruas ou cozidas são adquiridas quando necessários, e quando não ingeridas geralmente são massageadas sobre as regiões afetadas pelas doenças. Penas e cauda são guardadas aleatoriamente, segundo os entrevistados, “em qualquer lugar. Banhas e óleos são feitos derretendo geralmente em fogo de lenha (figura 10), depois são guardadas em vários tipos de recipientes, “vidros ou plásticos”, muitas vezes sem nenhuma condição de higiene. A forma de uso é através de massagens, gargarejos, como chá. Também pode ser utilizado como emplastro feito com a folha de plantas, geralmente de pimenta ou hortelã da folha grossa. Estas mesmas formas de guardar os produtos foram igualmente registradas por Alves & Rosa, (2006), em pesquisas nas comunidades pesqueiras do Nordeste brasileiro.

Os resultados desta pesquisa concordam com Seixas & Begossi, (2001), os quais propõem que o uso dos animais medicinais pode está relacionados à durabilidade do produto extraído e que a banha animal (o qual é facilmente extraído e armazenado em temperatura ambiente), seria a parte mais usada e que outros produtos (exceto ovos e leite) são desidratados torrados e guardados. Esta é uma característica peculiar associado ao uso de animais medicinais e está relacionado à saúde pública (ALVES & ROSA, 2006). Alves (2006) ressalta a precariedade das condições sanitárias de manutenção e estocagem dos produtos zoterápicos, evidenciando a possibilidade de contaminações microbiológicas e alertando para o risco que isso pode acarretar a saúde dos usuários. Desta forma, evidencia-se a necessidade de adoção de medidas sanitárias

relacionadas ao uso de animais medicinais, e mostra que a zooterapia deve ser considerada na implementação de programas de saúde pública (ALVES & ROSA, 2005).

De acordo com os participantes do estudo a dosagem do remédio depende da idade e do tipo de doença, sendo usado para crianças numa fração menor. Essa mesma situação foi registrada por (ALVES 2006). Entretanto nenhum dos entrevistados relatou algum efeito adverso, embora seja notório que alguns produtos naturais derivados de plantas, animais, e minerais, usados na medicina tradicional podem causar sérios efeitos adversos (DE SMET, 1991).

No presente estudo entrevistados mencionaram que se deve ter cuidado com comida “carregada” senão tira o efeito do remédio. Begossi (1992), em estudo na ilha de Búzios – São Paulo observou o uso desse termo “carregado” atribuído a animais que podem causar inflamação se comido por alguém que esteja doente ou ferido.

Segundo Alves (2006), drogas tradicionais e medicina tradicional em geral representam um campo de pesquisa mal explorado em termos de potencial terapêutico e avaliação clínica. Essa constatação é reforçada por (STILL, 2003), que afirma ter sido feita pouca pesquisa para comprovar a eficácia clínica atribuída aos produtos animais usados com finalidades medicinais.

5.2.2 – Impactos sobre a Biodiversidade

O uso de animais medicinais na área pesquisada é uma alternativa terapêutica tradicionalmente usada. Quando perguntados sobre a disponibilidade dos animais nos dias atuais eles foram unânimes em responder que antigamente tinha mais animais do que hoje em dia e que algumas espécies são difíceis de encontrar, tais como: a tanajura (*Atta cephalotes*); tejuaçú (*Tupinambis merinae*) tatu-peba (*Euphractus sexcintus*); cágado d’água (*Phrynops sp.*); raposa (*Cerdocyon thous*). À medida que foram questionados sobre o porquê dessa diminuição, eles afirmaram ser devido ao desmatamento e a caça predatória. Na região norte do município, os entrevistados também destacaram a agricultura familiar como fator da escassez de algumas espécies,

principalmente a raposa (*Cerdocyon thous*), principal responsável pelo ataque a criação das aves domésticas (galinha, peru, guiné, pato). A partir do momento em que os animais domésticos são perseguidos pelos predadores, estes passam a sofrer perseguição pelo homem, pois são vistos como prejuízo em potencial, já que o Município tem sua economia baseada na agricultura familiar e muito dos animais medicinais são mortos para não destruir as plantações como exemplo a tanajura (*Atta cephalotes*), que tem seus formigueiros destruídos por veneno. Sendo assim, a captura desses animais para outros fins que não medicinais é uma das causas deste declínio populacional das espécies. Diante dessa realidade, torna-se inconcebível traçar estratégias de conservação para as localidades estudadas, sem considerar o elemento humano e seus aspectos socioculturais e econômicos.

Para Barbosa et al. (2009), o conhecimento tácito que as populações locais desenvolvem acerca dos diversos modos de relacionamento e aproveitamento dos recursos naturais, aliado a um manejo sustentável, que tende a ser alcançado com trabalhos de conscientização, e pode tornar duradoura a disponibilidade e o aproveitamento dos recursos naturais, não afetando a capacidade de resiliência dos ecossistemas e condicionando as populações humanas a uma melhor convivência com o meio em que habitam.

As pessoas entrevistadas relataram que o motivo pelo qual fazem uso desses remédios é o sistema de saúde precário e também consideram que remédios naturais não irão trazer seqüelas, além do fato que esses medicamentos populares são de baixo custo. Segundo os entrevistados, hoje já não se usa zoterápicos em grande escala como antigamente. Porém o conhecimento vem sendo repassado de geração em geração fazendo com que persista até os dias atuais.

Os impactos provocados pelas práticas zoterápicas devem ser avaliados nas comunidades estudadas, visto que a preparação da maioria dos remédios é obtida após a morte de espécimes silvestres. Entretanto mesmo que a captura de espécies para fins medicinais cause impactos ela tem sido vista de menor expressão, quando comparado com a degradação de habitats e captura dos animais para outros propósitos (ALVES et al., 2006).

6.0 - Considerações Finais

Os resultados obtidos quanto ao uso de animais na medicina popular do Município de Alagoa Nova Paraíba, revelou que, a população pesquisada demonstra ter um relevante conhecimento sobre a fauna local, e esse conhecimento vem sendo repassado de geração a geração fazendo com que o uso da mesma para fins medicinais, evidencie a zooterapia como uma alternativa às praticas medicinais oficiais, assim como ocorre em outras localidades do nordeste do Brasil.

Foi observado que o uso de zoterápicos é mais comum em doenças que acometem a população com mais frequência, como é o caso das doenças do aparelho respiratório (asma, bronquite, dor de garganta e gripe) e as do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo (reumatismo, torções e luxações), e ainda alguns desses usos são associados a crendices e simpatias.

Os animais usados para fins medicinais destacaram-se tanto os de criação doméstica quanto os silvestres, e o produto extraído desses animais mostram um elevado número de usuários da “banha”, que pode ser adquirida de um total de 14 espécies animais, tais verificações são indícios de que os usuários vêem este produto como difícil de estragar, no entanto são armazenados sem condições sanitárias de manutenção e estocagem possibilitando as contaminações microbiológicas. Desta forma se faz necessário que a zooterapia seja considerada na implementação de programas de saúde pública.

Nesse sentido, estudos com uma vertente multidisciplinar, que possa envolver os aspectos sociais, culturais, econômicos, clínicos e ambientais é fundamental para que sejam ampliados os conhecimentos sobre o uso dos animais medicinais, nas comunidades pesquisadas, almejando o estabelecimento de medidas de manejo e conservação adequadas nas comunidades, que possibilite a sustentabilidade dos recursos zoterápicos, visto que o fator cultural apareceu com uma forte influência no uso dos animais tanto para fins medicinais como alimentares.

7.0- Referências

ADEOLA, M.O. 1992. Importance of wild Animals and their parts in the culture, religious festivals, and traditional medicine, of Nigeria. **Environ Conserv**19 (2): 125-134.

AGRA, C. A.; DANTAS, I. C. 2007. Identificação das plantas medicinais indicadas pelos raizeiros e utilizadas pelas mulheres no combate a enfermidades do aparelho geniturinário na cidade de Campina Grande – PB. **Biofar** 1 (1).

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. 2004. Métodos e técnicas para coleta de dados. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F. (Eds.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: NUPEEA/ Livro Rápido, 2004. p. 37-62.

ALMEIDA, C.F.C.B.R. & ALBUQUERQUE, U.P. 2002. Uso de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): Um estudo de caso. **Interciência** 27 (6): 276-284.

ALMEIDA, A.V. 2005. Prescrições zoterápicas indígenas brasileiras nas obras de Guilherme Piso (1611–1679). In: ALVES, A.G.C.;LUCENAR.F.P.,ALBUQUERQUE, U.P. (Eds.), **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, Nuppea, pp. 47–60.

ALVARD, M.S.; ROBINSON, J. G.; REDFORD, K. H. & KAPLAN, H. 1997. The Sustainability of Subsistence Hunting in the Neotropics. **Conservation Biology** 11 (4): 977-982.

ALVES, A. G. C.; SOUTO, F. J. B. 1998. Etnoecologia do cágado d'água *Phrynops* spp (Testudinomorpha: Chelidae) no Açude Bodocongó, Campina Grande, Paraíba. Resumos do **III Simpósio de Etnobiologia e Etnoecologia**, São Carlos, Brasil, p. 83

ALVES, R. R. N. & NISHIDA, A. K. 2003. Aspectos socioeconômicos e percepção ambiental dos catadores de caranguejo-uçá *Ucides cordatus* (L. 1763) (Decapoda, Brachyura) do estuário do rio Mamanguape, Nordeste do Brasil. **Interciência** 28(1): 36-43.

ALVES, R. R. N & NISHIDA, A. K. 2002. A ecdise do caranguejo-uça, *Ucides cordatus* L. (DECAPODA, BRACHYURA) na visão dos carangueiros. **Interciência** 27(3): 110-117.

ALVES, R.R.N. & ROSA, I.L. 2005. Why study the use of animal products in traditional medicines?. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 1: 1-5.

ALVES, R. R. N. & ROSA, I.L. 2006. From cnidarians to mammals: The use of animals as remedies in fishing communities in NE Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** 107: 259-276

ALVES, R.R.N. **Uso e comércio de animais para fins medicinais e mágico-religiosos no Norte e Nordeste do Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 252f, 2006.

ALVES, R.R.N. 2007. Biodiversity, traditional medicine and public health: where do they meet?..**Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 3:14.

ALVES, R. R. N., PEREIRA-FILHO G. A. 2007. Commercialization and use of snakes on North and Northeastern Brazil: implications for conservation and management.**Biodivers.Conserv**16: 969-985.

ALVES, R.R.N; ROSA, I.L 2007a. Zootherapeutic practices among fishing communities in North and Northeast Brazil. A comparison. **Journal of Ethnopharmacology** 111: 82-103.

ALVES, R.R.N.; ROSA, I.L. 2007 b. Zotherapy goes to town: The use of animal-based remedies in urban areas of NE and N Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** 113: 541-555.

ALVES, R.R. N. & ROSA, I.L. 2008. Use of Tucuxi Dolphin *Sotalia fluviatilis* for medicinal and Magic/Religious Purposes in North of Brazil. **Human Ecology** 36:443-447.

ALVES, R.R.N.;LIMA, H. N.; TAVARES,M. C.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R.D.;VASCONCELOS, A. 2008c. Animal-based remedies as complementary medicines in Santa Cruz do Capibaribe, Brazil. **BMC Complementary and Alternative Medicine** 8:44.

ALVES, R. R. N.; MENDONÇA, L. E. T.; CONFESSOR, M. V. A.; VIEIRA, W. L. S. & LOPEZ, L. C.S. 2009. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 5(1): 1- 30.

ALVES, R. R. N. Fauna used in popular medicine in Northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. 5:1, 2009

ALVES, R.R.N. & SOUTO, W.M.S: Panorama **atual, avanços e perspectivas futuras para Etnozoologia no Brasil**. In *A Etnozoologia no Brasil: Importância, Status atual e Perspectivas*. Volume 7. 1 edition. Edited by Alves RRN, Souto WMS, Mourão JS. Recife, PE, Brazil: NUPEEA; 2010: 41-56

ALVES, R.R.N.; NOGUEIRA, E.; ARAUJO, H. & BROOKS, S. 2010a. Bird-keeping in the caatinga, NE Brazil. **Human Ecology** 38(1): 147-156.

AMOROZO, M.C.M. 2004. Pluralistic medical settings and medicinal plant use in rural communities, Mato Grosso,Brazil. **Journal of Ethnobiology** 24(1): 139-61.

AIDAR, D. S.; LEEUWEN, J. V. ; ROSSINI, J. 2002. Abelhas nativas(Hymenoptera, Apidae, Meliponinae), manutenção da biodiversidade e alternativa de alimento e renda para o caboclo. **Resumos do 19o Congresso Brasileiro de Entomologia**, Manaus, Brasil, p. 301.

ARAÚJO, A. M. 1977. **Medicina rústica**. 2ª ed. São Paulo. Editora Nacional.

ARISPE, R. & RUMIZ, D.I. 2002. Una esfimacion del uso de los recursos silvestres en la zona del Bosque Chiquitano, Cerrado y Pantanal. *Revista Boliviana de Ecología y Conservacion Ambiental*. 11:17-36. *ainable use of natural resources. Current Science* **69** (7): 569-570.

BAKER, F. C. 1930. The use of animal life by the mound-building Indians of Illinois. **Transactions of the Illinois State Academy of Science** 22: 41- 64.

BALÉE, W. 1985. Ka'apor ritual hunting. **Human Ecology** **13**(4): 485-510.

BANDEIRA, M.L. 1972. **Os Kiriri de Mirandela: um conjunto indígena integrado**. Monografia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia.

BARBOSA, J. A. A.; BRASILEIRO, R. A.; ROCHA, W. R. V. (2009) “Visões de um Semi-Árido” – A Biodiversidade da Caatinga Segundo a Opinião de Alunos da Rede Pública no Agreste Paraibano. In: **Anais do I Congresso Nacional de Educação Ambiental e III Encontro Nordestino de Biogeografia**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2: 197-202.

BARBOZA, R. R. D.; SOUTO, W. M. S. & MOURÃO, J. S. 2007. The use of zootherapeutics im Folk veterinary medicine in the district of Cubati, Paraíba State, Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** **3**(32): 14.

BAZLEN, K. 2000 **Charakterisierung von Honigen stachelloser Bienen aus Brasilien**. Tübingen: Eberhard Karls Universität/ Fakultät für Biologie. 141p. (Thesis - Doktor). (A, CH, M, HO, PO)

BEGOSSI, A. 1992. Food taboos at Búzios Island (Brazil): their significance and relation to folk medicine. **Journal of Ethnobiology** **12**: 117–139.

BEGOSSI, A. BRAGA F.M.S. 1992. Food taboos and folk medicine among fishermen from the Tocantins River. **Amazoniana** **12**: 101-118.

BEGOSSI, A. 1993. Ecologia humana: um enfoque das relações homem- ambiente. **Interciencia** **18** (3): 121-132.

BEGOSSI, A. 2000. Resilience and neo-traditional populations: the caiçaras (Atlantic Forest) and caboclos (Amazon, Brazil). In: Berkes, F.; Folke, C. **Linking social and ecological systems**. Cambridge University Press, UK, p. 129-157.

BERGAMASCO, S. M. P. P.; ANTUNIASSI, M. H. R. 1998. Ecodesenvolvimento e agricultura: comentando o pensamento de Ignacy Sachs. In: VIEIRA, P. F.; RIBEIRO, M. A.; FRANCO, R. M. & CORDEIRO, R. C. (orgs.). **Desenvolvimento e meio ambiente no Brasil: a contribuição de Ignacy Sachs**. Pallotti, Porto Alegre; APED, Florianópolis, Brasil, p.273-284.

BERNARD, H. R. **Research Methods Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches. 2 ed.** Walnut Creek, Canadá: Sage Publications, 1994, 585 p.

BRANCH, L.C; SILVA M.F. 1983. Folk medicine in Aiter do Chão, Pará, Brazil. **Acta Amazônica** 13: 737-797.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Comunicação Social: contas regionais do Brasil de 2004, 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_impressao.php?Id_noticia=734 > Acesso em: 18/09/2011.

BRITO, V.F.S.; DANTAS, I.C.; DANTAS, G.D.S. 2009. Plantas medicinais utilizadas pela comissão de mulheres na zona rural no município de Lagoa Seca – PB. **Biofar**, 3 (1): 112-123.

CASCUDO, L. C. 1971. **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Livraria Martins Editora.

CABRAL, O. 1942. **Medicina, Médicos e Charlatães do Passado**. Florianópolis: Imprensa Of.

CHAVES, T.P.; DANTAS, I.C.; FELISMINO, D.C.; DANTAS, V.S.; DANTAS, G.D.S. 2008. Lamedor: Um conhecimento popular em abordagem científica. **Biofar**, 2 (1): 1-19.

CHIZOTTI, A. 2000. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez editora.

CONCONI, J.E; PINO J.M.M. 1988. The utilization of insects in the empirical medicine of ancient Mexicans. **J Ethnobiol** 8: 195-202

COSTA-NETO, E.M. 2000 Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira: resultados preliminares. **Interciência** 25 (9): 423-431.

COSTA-NETO, E.M. 1994. *Etnoentomologia alagoana, com ênfase na utilização medicinal de insetos*. Maceió. Universidade Federal de Alagoas. COSTA-NETO, E.M. 1999a. **Healing with animals Feira de Santana city, Bahia, Brazil**. Journal of Ethnopharmacology 65: 225-230.

COSTA-NETO, E.M. 1999. Healing with animals in Feira de Santana city, Bahia, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** **65**: 225-230.

COSTA-NETO, E. M.; OLIVEIRA, M.V.M. 2000. Cockroach is good for asthma: zootherapeutic practices in Northeastern Brazil. **Human Ecology Review** **7**(2).

COSTA-NETO, E.M. 2004. Insetos como recursos alimentares nativos no semi-árido do estado da Bahia, nordeste do Brasil. **Zonas Áridas** **8**: 33-40.

COSTA, R.C.S. & SCHIAVETI, A. 2002. Aspectos Etnoecológicos e conhecimento Trófico da Fauna Aquática pelos pescadores da Vila Cachoeira, Ilheus, Bahia. *Rev. Nordestina de Zoologia* **19**(1): 32-41.

DANTAS, I.C.; GUIMARÃES, F.R. (2007). Plantas medicinais comercializadas no município de Campina Grande, PB. **Biofar** **1** (1)

DANTAS, V.S.; DANTAS, I.C.; CHAVES, T.P.; FELISMINO, D.C.; SILVA, H.; DANTAS, G.D.S. 2008. Análise das garrafadas indicadas pelos raizeiros na cidade de Campina Grande PB. **Biofar** **3** (1): 7-13.

DAVID, J.P.; ANDERSON, L.A. 1969. Ethnopharmacology and western medicine. **Journal of Ethnopharmacology** **25**: 61-72.

DANIELS R. J. R.; VENCATESAN, J. 1995. Traditional ecological knowledge and sustainable use of natural resources. **Current Science** **69** (7): 569-570.

DE SMET, P.A.G.M. 1991. Is there any danger in using traditional remedies? **Journal of Ethnopharmacology** **32**: 43-50.

DESCOLA, P. 1998. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana** **4** (1): 23-45.

DIGARD, J. P. 1992. Un aspect méconnu de l'histoire de l'Amérique: la domestication des animaux. **L'Home** **32**(2-4): 253-270.

DREWS, C. 2002. Attitudes, knowledge and wild animals as pets in Costa Rica. **Anthrozoös** **15** (2): 119-138.

EL-KAMALI, H.H. 2000. Folk medicinal use of some animal products in Central Sudan. **Journal of Ethnopharmacology**. **72**: 279-282.

ELISABETSKY, E. & WANNMACHER, L. 1993. The status of ethnopharmacology in Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** **38**: 131-143.

EMERY, K. F. 2007. Assessing the impact of ancient Maya animal use. **Journal for Nature Conservation** 15(3): 184-195.

FIGUEREDO, N. 1994. Os 'bichos' que curam: os animais e a medicina 'folk' em Belém do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Göeldi** 10 (1): 75-91.

FLECK, D. W.; & HARDER, J. D. 2000. Matses Indians rainforest habitat classification and mammalian diversity in Amazonian Peru. **Journal of Ethnobiology** 20(1): 1-36

FLECK, D. W.; VOSS, R. S. & PATTON, J. L. 1999. Biological basis of saki (pithecia) folk species recognized by the Matses Indians of Amazonian Peru. **International Journal of Primatology** 20: 1005- 1027.

FERREIRA, F.S., BRITO, S.V., RIBEIRO, S.C., et al. 2009. Animal-based folk remedies sold in public markets in Crato and Juazeiro do Norte, Ceará, Brazil. **BMC Complementara and Alternative Medicine**, 9:17.

FOSTER, M. S. & JAMES, S. R. 2002. Dogs, Deer, or Guanacos: Zoomorphic Figurines from Pueblo Grande, Central Arizona. **Journal of Field Archaeology** 29:165–176

FERNANDES-PINTO, É.; LIMA, R. X.; SLOVENSKI, A. C. 1998. Etnobiologia de populações tradicionais adjacentes ao Parque Nacional do Superagüi – Paraná – Brasil. IV Uso medicinal da Fauna. **Resumos do II Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia**. p. 66.

FRAZIER, J. 2007. Sustainable use of wildlife: The view from archaeozoology. **Journal for Nature Conservation** 15 (3): 163-173.

FRANKE, J. & TELECKY, T. M. 2001. **Reptiles as pets: na examination of the trade in live reptiles in the United States**. Washington (DC) Humane Society of the United States.

FREIRE, F.C.J. 1996. **Répteis utilizados na medicina popular no Estado de Alagoas**. Monografia de especialização. Universidade Federal de Alagoas, Departamento de Biologia.

GOMES, H.H.S.; DANTAS, I.C.; CATÃO, M.H.C.V. (2008). Plantas medicinais: Sua utilização nos terreiros de umbanda e candomblé na cidade de Campina Grande – PB. **Biofar** 3 (1): 110-129.

GUNNTHORS DOTIR, A. 2001. Physical attractiveness of an animal species as a decision factor for its preservation. **Anthrozoös** 14(4): 204 – 215.

GUDGER, E.W. 1925. Sticking wounds with the mandibles of ants and beetles. **J Am Med Assoc** 84 (24): 1861-1864.

HENDERSON, J. & HARRINGTON, J. P. 1914. Ethnzoology of the Tewa Indians. **Bulletin** 56, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology.

HAUDRICOURT, A. G. 1977. Note d'ethnozoologie. Le role des excréments dans la domestication. **L'Homme**17(2-3):71- 79.

HEINRICH M. et al. Medicinal plants in Mexico: healers' consensus and cultural importance. **Social Science and Medicine**, n. 47, p.1863-1875, 1998.

HOOVER, C. 1998. **The US role in the international live reptile trade: Amazon tree boas to Zululand dwarf chameleons**. TRAFFIC North America.

HOLMAN, E. W. 2005. Domain-specific and general properties of folk classifications. **Journal of Ethnobiology** 25(1): 71-91.

INSKIP, C. & ZIMMERMANN, A. 2009. Human-felid conflict: a review of patterns and priorities worldwide. **Oryx** 43 (01): 18- 34.

KAKATI, L.N.; AO, B.; DOULO, V. 2006. Indigenous knowledge of zootherapeutic use of vertebrate origin by the Ao tribe of Nagaland. **Journal Human Ecology**. 19(3): 163-167.

KAHN, L. H. 2006. Confronting Zoonoses Linking Human and Veterinary Medicine. **Emerging Infectious Diseases**, v.12, n. 4

LAGES FILHO, J. 1934. **A medicina popular em Alagoas**. Separatados Arquivos do Instituto Nina Rodrigues, Salvador, Brasil, 27 pp.

LENKO, K. & PAPAVERO, N. 1996. **Insetos no Folclore**. 1st ed. São Paulo: Plêiade/FAPESP.

LEO NETO, N.; BROOKS, S. E.; ALVES, R. R. N. 2009. From Eshu to Obatala: animals used in sacrificial rituals at Candomblé terreiros in Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 5: 23.

LEWIS, I. M. 1991. The spider and the pangolin. **Man** 26: 513 – 525.

LEWINSOHN, T. M. & PRADO, P.I. 2005. **Quantas espécies há no Brasil**. In: **Silva, J.M.C., Megadiversidade. Desafios e oportunidades para conservação da biodiversidade no Brasil**. Conservação Internacional, Pp 3642.

LEV, E. 2003. Traditional healing with animals (zootherapy): medieval to present-day Levantine practice, **Journal of Ethnopharmacology** 86: 107–118.

LEV, E. 2006. Ethno-diversity within current ethno-pharmacology as part of Israeli traditional medicine A review. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 2(4): 1-12.

MAHAWAR, M. M.; JAROLI, D.P. 2007. Traditional knowledge on zootherapeutic uses by the Saharia tribe of Rajasthan, India. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 3: 25.

MARQUES, J. G. W. 1994. A fauna medicinal dos índios Kuna de San Blas (Panamá) e a hipótese da universalidade zooterápica. In: **Anais da 46^a Reunião Anual da SBPC**. Vitória, Brasil

MARQUES, J. G. W. 1999. Dinâmica cultural e planejamento ambiental: sustentar não é congelar. In: Bastos-Filho J. B. (ed.). **Cultura e desenvolvimento: a sustentabilidade cultural em questão**. PRODEMA-UFAL, Maceió, Brasil, p. 41 – 68

MARQUES, J. G. W. 2002. O olhar (des) multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica. E etnoecológica. In: Amorozo, M. C. M.; Mingg, L. C. & Silva, S. M. P. (eds.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. UNESP/CNPq, Rio Claro, Brasil, p.31-46.

MARQUES, J.G.W. 1995. Pescando pescadores: etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano. NUPAUB/USP. São Paulo, 1995. Mello, L.G. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

MASON, O. T. 1899. Aboriginal American Zoötechny. **Aboriginal American Zoötechny** 1(1): 45-81.

MBATA, K. J. 1999. Traditional uses of arthropods in Zambia: II. Medicinal na miscellaneous uses. **The Food Insects Newsletter**, 12 (2): 1-7.

MELO LEITÃO, C.F. 1941. **Historia das Expedições Científicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Coleção Brasileira, vol.209, Série 2 a., Biblioteca Pedagógica Brasileira, Cia. Editora Nacional.

IILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT: **Ecosystems and Human Well-being: Synthesis**. Island Press, Washington, DC; 2005.

MOURÃO, J. S.; ARAUJO, H. F. P. & ALMEIDA, F. S. 2006. Ethnotaxonomy of mastofauna as practiced by hunters of the municipality of paulista, state of Paraíba – Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine** 2 (9):7.

MORRIS, B. 2004. **Insects and human life**. Berg Publishers, Oxford, UK, 320pp.

NEGI, C. S.; PALYAL, V. S. 2007. Traditional uses of animal products in medicine and rituals by the Shoka Tribes of District Pithoragarh, Uttaranchal, India. **Ethno-Medicine** 1(1): 47-54.

NISHIDA, A. K.; NORDI, N. & ALVES, R. R. N. 2006a . Mollusc Gathering in Northeast Brazil: Na Ethnoecological Approach. **Human Ecology** 34(1):133-145.

NOLAN, J. M.; ROBBINS, M.C.E. 2001. Emotional meaning and the cognitive organization of ethnozoological domains. **Journal of Linguistic Anthropology**, **11** (2): 240-249.

NORDI, N.; NISHIDA, A. K. & ALVES, R. R. N. 2009. Effectiveness of two Gathering Techniques for *Ucides cordatus* in Northeast Brasil: Implications for the Sustainability of Mangrove Ecosystems. **Human Ecology** **37** (1): 121-127

OVERAL, W. L. 1990. Introduction to Ethnzoology: what it is or could be. Pp. 127-129. In: D. A. POSEY & W.L. OVERAL (eds.). **Ethnobiology: implications and applications**. Belém, Brasil, MPEG.

POSEY, D. A. 1978. Ethnoentomological Survey of Amerind Groups in Lowland Latin America. **The Florida Entomologist** **61**(4): 225-229

POSEY, D. A. 1982. The Importance of Bess to Kayapo Indians of the Brazilian Amazon. **The Florida Entomologist** **65** (4): 452- 458

PRINS, H.H.T.; GROOTENHUIS, J. G. & DOLAN, T. T. 2000. **Wildlife conservation by sustainable use**. Kluwer Academic Pub.

ROCHA, M. S. P. 2007. **O uso dos recursos biológicos pelas comunidades de Barra de Mamanguape e Lagoa da Praia no Estuário do Rio Mamanguape, litoral Norte do estado da Paraíba : Um enfoque Etnoecológico**. Graduação. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB.

ROCHA, M. S. P.; MOURÃO, J. S.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R.D. & ALVES, R.R. N. 2008. O uso dos recursos pesqueiros no Estuário do Rio Mamanguape, Estado da Paraíba, Brasil. **Interciencia** **33**(12): 903-909.

ROCHA, L. A. 1960. **História da medicina em Pernambuco: séculos XVI, XVII, XVIII**. Arquivo Público Estadual, Recife, Brasil, 280 pp.

RORIGUES, V. E. G. & CARVALHO, D. A. 2001. Levantamento Etnobotânico de Plantas Medicinais no domínio do Cerrado na região do Alto Rio Grande- Minas Gerais. **Cienc. Agrotec.** **25**(1): 102- 123

SALLENAVE, J. 1994. Giving traditional ecological knowledge its rightful place in environmental impact assessment. **Northern Perspectives** **22**(1): 16-18.

SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. 2007. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozologia. **Biotemas** **20**(4): 99-110.

SEIXAS, C.S.; BEGOSSI, A. 2001. Ethnzoology of fishing communities from Ilha Grande (Atlantic forest coast, Brazil). **Journal of Ethnobiology**. **21**:107–135.

SILVA, G. A. & MARQUES, J. G. W. 1996. Mamíferos ameaçados de extinção utilizados na medicina popular do estado de Alagoas. **Anais do XXI Congresso Brasileiro de Zoologia**. P. 134.

SILVA, S.R.; BUITRÓN, X.; OLIVEIRA, L. H. & MARTINS, M. V. M. 2001. Plantas medicinais do Brasil: aspectos gerais sobre legislação e comércio. **Relatório Final**. Ministério de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha & IBAMA. TRAFFIC, south America: published reports. América do Sul: 63 p.

SILVA, M.L.V.; ALVES, A.G.C. & ALMEIDA, A.V. 2004. A zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história. **Biotemas** 17 (1): 95-116.

SILVIUS, K. M.; BODMER, R. E. & FRAGOSO, J. M.V. 2004. **People in nature: wildlife conservation in south and Central America**. Columbia University Press.

SOUTO, F. J. B. 2007. Uma abordagem etnoecológica da pesca do caranguejo, *Ucides cordatus*, Linnaeus, 1763 (Decapoda: Brachyura), no manguezal do Distrito de Acupe (Santo Amaro-BA). **Biotemas**, 20 (1): 69-80.

STILL, J. 2003. Use of animal products in traditional Chinese medicine: environmental impact and health hazards. **Complement Ther Med** 11: 118-122.

STURTEVANT, W. C. 1964. Studies in Ethnoscience. **American Anthropologist** 66(3part2: Transcultural Studies in Cognition): 99-131.

SCHEPS, R. 1993. **La science sauvage. Des savoirs populaires aux ethnosciences**. Éditions du Seuil, Paris, França, 234pp

WHO- World Health Organization. Traditional Medicine Strategy 2002–2005. **World Health Organization**, Geneva, 2002

VÁZQUEZ, P.E., MÉNDEZ, R.M., GUIASCÓN, Ó.G.R. & PIÑERA, E.J.N. 2006. Uso medicinal de la fauna silvestre en los altos de Chiapas, México. **Interciência** 31(7): 491-499.

APÊNDICES

APÊNDICE - A

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA-UEPB
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA-PRPGP
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA-CEP

FORMULÁRIO DE PARECER DO CEP – UEPB

PROJETO: CAAE 0440.0.133.000-10

PARECER

X APROVADO

NÃO APROVADO

PENDENTE

TÍTULO: Uso da Fauna na Medicina Popular no Município de Alagoa Nova-Paraíba

PESQUISADOR (A): Rômulo Romeu da Nrega Alves

ORIENTANDO (A): Maria de Fátima Melo

PARECER: O presente Projeto de Pesquisa tendo como Objetivo Geral “Documentar o uso de animais na medicina popular das áreas rurais e urbanas do Município de Alagoa Nova-PB”; nos traz, a priori, relevância científica, consoante proposta apresentada pelo Pesquisador e a orientanda supramencionados. Doutra forma, vem atender, em parte, aos requisitos do Comitê de Ética em Pesquisa da UEPB, mormente Resolução do Conselho Nacional de Saúde de n. 196 do ano de 1996. Destarte saliento as seguintes necessidades de ajustes:

1- Quanto ao item “Objetivos” – Sugiro considerar como Objetivo Geral o disposto como “Documentar e Avaliar as implicações de práticas zoterápicas sobre a biodiversidade faunística no Município de Alagoa Nova-PB” (**Uso da Fauna na Medicina Popular no Município de Alagoa Nova- Paraíba**), posto que remete ao alcance do Título da pesquisa. Considerando os objetivos específicos, posto terem alcance limitados e exequíveis, sugiro dispor verbos (termos) tais como: “Identificar o modo de preparo dos zoterápicas”; “Caracterizar o perfil sociodemográfico dos usuários de zoterápicas”; etc;

2- Quanto item “Procedimentos Metodológicos” considerar:

2.1 A população e amostra que será pesquisada;

2.2 Acrescentar aos critérios de inclusão e exclusão fatores tais como gênero, idade, capacidade civil, grau e instrução, etc.

2.3 Considerar os aspectos éticos da pesquisa, porquanto o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” não é entregue ao participante, como disposto, mas após o esclarecimento aos participantes considerando os objetivos e justificativa da pesquisa, as explicações e incursões na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O TCLE é disponibilizado em duas vias (uma para o participante e, a outra fica sob a tutela do pesquisador);

2.4 considerar o tipo de estudo e o tipo de pesquisa.

3- Evitar identificar, no questionário, o participante/voluntário pelo nome. Sugiro codificá-lo;

4- Quanto ao Apêndice “Questionário”, – sugiro:

4.1 Acrescentar ao n. 04 a possibilidade: *Desde quando ou há quanto tempo?*

4.2 Inexiste no ordenamento brasileiro atual o desquite. Sugiro acrescentar a possibilidade () viúvo(a);

4.3 Quanto ao grau de instrução: Por que não superior completo e incompleto?

4.4 Quanto à questão “Como você analisa atendimento médico disponível?” – sugiro estabelecer parâmetros: satisfatório: () Bom () Ótimo ou Excelente; insatisfatório: () Ruim () Péssimo Por que? _____

Isto Posto, sou pelo Parecer pela APROVAÇÃO do Projeto, uma vez que foram sanadas as sugestões supra-referidas. Salvo melhor juízo.

Campina Grande, 17/11/2010

Relator: 11

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Profª Dra. Doralúcia Pedrosa de Araújo
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

APÊNDICE - B

TERMO DE COMPROMISSO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____, cidadã brasileira, em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da pesquisa **“Uso da Fauna na Medicina Popular no Município de Alagoa Nova, Paraíba,”** sob a responsabilidade do pesquisador Rômulo Romeu da Nóbrega Alves.

O meu consentimento em participar se deu após ter sido informado pelo pesquisador, de que:

1. A pesquisa se justifica pela necessidade de se compreender o contexto sócio-cultural em que se dá o uso de animais para fins terapêuticos e avaliar as implicações ecológicas sobre as espécies potencialmente exploradas, buscando assim a utilização sustentável das mesmas.

2. Seu objetivo é caracterizar o contexto sócio-cultural em que se dá a utilização de recursos zooterápicos nas comunidades rurais avaliadas no Município de Alagoa Nova/Pb

3. Minha participação é voluntária, tendo eu liberdade de desistir a qualquer momento sem risco qualquer penalização.

4. Será garantido o meu anonimato e guardado sigilo de dados confidenciais.

5. Caso sinta necessidade de contatar o pesquisador durante e/ou após a coleta de dados, poderei fazê-lo pelo telefone 88367354.

6. Ao final da Pesquisa se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir com o pesquisador.

7. Não haverá riscos ou benefícios aos entrevistados em decorrência desta pesquisa.

Campina Grande, ____ de _____ de _____.

Orientando

Pesquisador

APÊNDICE - C

QUESTIONÁRIO- USO DE ANIMAIS PARA FINS MEDICINAIS

Cidade/Sítio: _____ Data ___ / ___ / _____

Número _____ Idade: _____ Sexo: _____

Atividade principal: _____ outras: _____

PARA CADA ANIMAL RESPONDER AS QUESTÕES SEGUINTE

1. Nome do animal medicinal _____ parte do animal usada _____

Doença:

Modo de uso:

Existe alguma planta que pode substituir (serve pra mesma doença) () Sim () Não

Como consegue adquirir o remédio (animal)? () Captura () Compra () Pede pra alguém

Lugar de coleta do animal

Petrechos de captura (com que pega o animal)

Disponibilidade do animal () tem muito () tem pouco () antes tinha mais

Se ta diminuindo, por quê?

Conhece alguém que usou e ficou curado?

() sim () não () o próprio

PERGUNTAS GERAIS

01- O uso desses produtos medicinais (animais e plantas) é antigo (opinião dos entrevistados)

() Sim () Não

02- Hoje se usa menos animais medicinais que antigamente?

() Sim () Não () Mesma coisa.

Por quê? _____

03- Como você aprendeu que esse remédio curava as doenças citadas?

04- Sempre usou algum animal como remédio?

() Sim () Não - A quanto tempo?-----

05- Por que você usa animais medicinais como remédio?

() são fáceis de adquirir

() acha melhor que remédio de farmácia

() não tem dinheiro pra comprar remédios de farmácia

Outro motivo: _____

06- O Senhor (a) prefere usar animais medicinais ou se tratar usando remédios de farmácia? Por quê?

PERFIL SÓCIO- ECONÔMICO

Estado Civil

Casado () Solteiro () Separado () Desquitado ()
Divorciado () Viúvo(a) ()

Grau de instrução

Analfabeto () Apenas escreve o nome () apenas lê () lê e escreve ()
1º grau completo () incompleto ()
2º grau completo () incompleto ()
Superior completo () Incompleto ()

Dados da Atividade, Renda Mensal e Previdência Social

Em que trabalha? _____ Qual a sua renda mensal? _____

Assistência médica

Costuma ir ao médico () Sim () Não () às vezes, com que
Frequência? _____

Como você analisa o atendimento médico disponível?

() Bom () Ótimo ou Excelente; insatisfatório: () Ruim () Péssimo

Por que? _____